

ESPECIFICIDADES DA PESQUISA FILOSÓFICA

Maria Aparecida Lima Piai Rosa ¹

 <https://orcid.org/0000-0001-5848-3357>

Resumo: A filosofia e a ciência são diferentes formas de interpretação da realidade. Embora estas não sejam as únicas formas de conhecimento criadas pelo ser humano, elas se distinguem das demais por serem pautadas por rigorosos critérios que presidem sua constituição, comprovação e transmissão. Tais critérios precisam ser estritamente seguidos para que tais formas de conhecimento possam se justificar racionalmente. Diante disso a proposta deste trabalho é analisar as principais características da pesquisa filosófica e indicar quais são os elementos que definem a sua especificidade, o que exige, necessariamente, a abordagem dos métodos de pesquisa que são usados para sua construção e apresentação. Assim, buscou-se para além da produção de autores que discutem esse ponto, entrevistar pares, professores (as) doutores (as) que produzem e publicam pesquisas filosóficas com o intuito de alargarmos essa compreensão. As entrevistas partiram de duas questões estruturadas: 1) Qual ou quais são as principais características de uma pesquisa filosófica? 2) Qual a diferença entre uma leitura filosófica e uma pesquisa filosófica? O que caracteriza uma pesquisa filosófica? E, estão apresentadas juntamente à discussão dos seguintes autores: Severino (2002), Folscheid e Wunenburger (2006), Porta (2007) e Kochê (2011) que se ocuparam da temática da pesquisa científica e da pesquisa filosófica.

Palavras-chave: Leitura Filosófica; Pesquisa Científica; Pesquisa Filosófica.



¹Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (2002), graduação em Administração de Empresas pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (2004), graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (2005), graduação em Educação Artística pela Universidade de Araras (2010) e graduação em sociologia pela Universidade paulista (2020), graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-oeste (2021). É mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina com uma pesquisa relacionada ao ensino de filosofia para crianças, pensamento crítico e o conceito de infância e, doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: maria.piaicebja@gmail.com

SPECIFICITIES OF PHILOSOPHICAL RESEARCH

Abstract: Philosophy and science are different forms of interpreting reality. Although these are not the only forms of knowledge created by human beings, they stand out from the others because they are guided by rigorous criteria that govern their formation, verification and transmission. These criteria need to be strictly followed for these forms of knowledge to be rationally justified. In view of this, the proposal of this work is to analyze the main characteristics of philosophical research and to identify the elements that define its specificity, which necessarily requires addressing the research methods that are used for its construction and presentation. In this manner, we sought, beyond the works of authors discussing this point, to interview peers, doctoral professors who produce and publish philosophical research with the intention of expanding this understanding. The interviews were based on two structured questions: 1) What are the main characteristics of philosophical research? 2) What is the difference between a philosophical reading and philosophical research? What characterizes philosophical research? These questions are presented in conjunction with the discussion of the following authors: Severino (2002), Folscheid and Wunenburger (2006), Porta (2007) and Kochë (2011), who have addressed the theme of scientific research and philosophical research.

Keywords: Philosophical Reading; Scientific Research; Philosophical Research.

ESPECIFICIDADES DE LA INVESTIGACIÓN FILOSÓFICA

Resumen: La filosofía y la ciencia son diferentes formas de interpretación de la realidad. Aunque no son las únicas formas de conocimiento creadas por el ser humano, se distinguen de las demás por estar guiadas por rigurosos criterios que rigen su construcción, verificación y transmisión. Estos criterios deben seguirse estrictamente para que estas formas de conocimiento puedan justificarse racionalmente. Por lo tanto, la propuesta de este trabajo es analizar las principales características de la investigación filosófica y señalar los elementos que definen su especificidad, lo que requiere necesariamente abordar los métodos de investigación utilizados en su desarrollo y presentación. De esta manera, se buscó más allá de la producción de autores que abordan este tema, entrevistar a colegas, profesores doctores que producen y publican investigaciones filosóficas con el objetivo de ampliar esa comprensión. Las entrevistas se basaron en dos preguntas estructuradas: 1) ¿Cuáles son las principales características de una investigación filosófica? 2) ¿Cuál es la diferencia entre una lectura filosófica y una investigación filosófica? ¿Qué caracteriza a una investigación filosófica? Además, se presentan en conjunto con la discusión de los siguientes autores: Severino (2002), Folscheid y Wunenburger (2006), Porta (2007) y Kochë (2011), quienes han abordado el tema de la investigación científica y la investigación filosófica.

Palabras clave: Lectura Filosófica; Investigación Científica; Investigación Filosófica.

Introdução

A busca de uma compreensão da ciência nos remete a um processo de construção e reconstrução constante que determina a dinâmica do conhecimento humano. A ciência é um processo crítico de construção e reconstrução de conhecimentos que são desenvolvidos em instituições de pesquisa, sendo as universidades o principal espaço onde ela se forma.

As universidades, por sua vez, possuem três funções regimentais: ensino, pesquisa e extensão.

O ensino, “[...] deverá ser a preparação acadêmica e exercício da busca do saber [...] Sendo a universidade a “casa” do saber, é notório que ela seja o centro por excelência do desenvolvimento do espírito crítico científico” (Köche, 2011, p. 19). A pesquisa é o resultado de estudos planejados, com técnicas e instrumentos, que dão origem a hipóteses que têm a finalidade de solucionar ou apresentar uma solução possível para um problema ou mais problemas, socialmente relevantes no contexto de uma dada sociedade e/ou de uma comunidade científica. A extensão tem por objetivo o compartilhamento dos conhecimentos desenvolvidos pelas universidades por meio de ações que visam melhorar a vida nas comunidades e nas sociedades nas quais se encontram.

Este trabalho tem como foco a pesquisa filosófica, que se situa no contexto das ciências humanas e, essas, compõem, juntamente com outras áreas do saber, o conhecimento científico-acadêmico das universidades construídos e reconstruídos num contexto cultural com regras, métodos e instrumentos pré-definidos. Seu objetivo geral é pontuar as peculiaridades da pesquisa filosófica, explicitando as regras, métodos e instrumentos de que ela se utiliza para propor seus conhecimentos.

No intento de alcançar esse objetivo procuramos suporte nos livros dos professores Antônio Joaquim Severino (2002), Dominique Folscheid e Jean Jacques Wunenburger (2006), Mario Ariel González Porta (2007) e José Carlos Kochê (2011) que se ocuparam da temática da pesquisa filosófica e, entrevistamos quatro colegas professores doutores que fazem pesquisas acadêmicas no âmbito da filosofia.

O professor Antônio Joaquim Severino, no prefácio de seu livro *Metodologia do trabalho científico* faz uma análise dos objetivos lógicos de um trabalho acadêmico científico em relação aos aspectos técnicos, pois é a lógica que informa e define as técnicas como modelos instrumentais. Além desses objetivos lógicos e técnicas que qualquer pesquisa científica acadêmica requer, a aprendizagem precisa ainda de recursos conceituais (Severino, 2002, p. 17). Seja qual for a área do conhecimento o estudante/pesquisador “[...] deve adquirir tanto na área de sua especificidade como nas áreas afins, um acervo de conceitos fundamentais e de informações precisas; tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista histórico que sirvam de contexto para o desenvolvimento de seus pensamentos e de suas pesquisas” (Severino, 2002, p. 15-16).

Os conhecimentos dos conteúdos e contextos tanto das áreas afins, de uma cultura ampla, como da área específica em que se produz a pesquisa são condições imprescindíveis para o saber e devem ser adquiridas mesmo através de grandes esforços adicionais na superação das carências da formação. Diante disso o professor Severino (2002, p. 16) afirma que o objetivo maior do ensino universitário é que o estudante aprenda, obtenha conhecimento e que domine os produtos e métodos da ciência, pois só assim poderá produzir pesquisas científicas de modo adequado e relevante.

Qualquer ciência exige o domínio dos conteúdos, métodos, técnicas das habilidades específicas de cada área do conhecimento. O ensino superior, por meio da pesquisa científica, dever estar comprometido com as tarefas educacionais, e com o rigor com que elas devem ser desenvolvidas

Levando em consideração a pesquisa como uma das três funções regimentais da universidade e salientando as diferenças entre filosofia e ciência e também aquelas existentes entre os métodos e técnicas nas diversas ciências e áreas do saber que não necessariamente apresentam-se neste trabalho, daremos enfoque na pesquisa filosófica e seus pressupostos.

A Pesquisa Filosófica e a Leitura dos Textos Filosóficos

Toda e qualquer pesquisa parte da revisão de literatura. Na pesquisa filosófica o texto é a fonte primária. A pesquisa em filosofia é indissociável do texto, por isso é na biblioteca, e não no laboratório que o filósofo faz sua pesquisa. “Filosofar é em primeiro lugar, colocar-se em presença de uma filosofia anterior” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 10). E isso não significa inclinar-se diante da tradição filosófica como numa festa religiosa, como apontam Folscheid e Wunenburger, pois as obras primas da história da filosofia não são insuperáveis, mas um caminho para iniciarmos o percurso. Aprender “[...] a filosofia não é aprender a servir-se de um instrumento para aumentar nosso poder sobre as coisas ou sobre os homens, mas é adquirir progressivamente a arte de desenvolver as aptidões do nosso espírito a julgar e raciocinar em geral” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. x).

Os textos filosóficos devem ser “[...] considerados como a estrada mestra da iniciação filosófica” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 6). A filosofia se inclui na “regra comum da cultura que impõe a cada um apoiar-se nos outros para se alimentar e crescer” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 6). Essa passagem pelos textos filosóficos nos permite

conhecer o pensamento passado, quem os pensou, quais conceitos e vocabulário estruturam esse pensamento, quais foram os problemas apresentados por esses filósofos, em que contexto e quais hipóteses ou soluções foram propostas para resolvê-los. Assim, “[...] todo procedimento filosófico encontra diante de si uma história, um passado. Não poderíamos fazer como se começássemos a filosofar sozinhos e pela primeira vez. Filosofar é, em primeiro lugar, colocar-se na presença de uma filosofia anterior” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. x).

Assim, para Folscheid e Wunenburger, (2006, p. xi) a história da filosofia “deve servir para descobrir pensamentos vivos em ação, para encontrar filosofias em ato, através das quais possamos dar ao nosso próprio pensamento um suporte, um quadro para orientá-lo.” Dessa forma, “[...] a prática da filosofia é, antes de mais nada, inseparável de uma frequência de textos que devemos aprender a ler, a explicar e a comentar.”

A leitura de um texto filosófico pode ser em qualquer língua, a tradução é bem vinda, mas a pesquisa precisa de mais atenção. Ler um texto no original requer empenho. Como ler um texto que foi escrito a trezentos, quinhentos, mil ou dois mil anos atrás? A pesquisa carece de uma atenção com o texto original, a tradução pode deturpar ou contaminar o significado, pois ele pode estar velado no próprio texto e na cultura que não apresenta um termo correspondente para se fazer a tradução. É preciso então, como afirma Porta (2007) se cercar do contexto histórico do qual a lógica do texto se constrói. Note que ele não está falando de um contexto histórico qualquer, o contexto histórico, de modo geral, é secundário, ele serve de apoio para entender as estruturas argumentativas. E é a partir desse contexto que se constrói as estruturas argumentativas que ele está pontuando.

É pela prática de reconstruir o pensamento de um dado autor, de um dado filósofo, segundo o autor, que colocamos a filosofias em itinerário, em contextos e sistemas lógicos tirando o peso histórico e as elevando “à categoria de pensamento vivo e atual” (Folscheider; Wunenburger, 2006, p. xi). A história da filosofia, com cada detalhe, cada contexto, é que permite formularmos e resolvermos problemas de acordo com nossa realidade, de acordo com a nossa existência.

Como se aprende a ler textos filosóficos? Aristotelicamente. “É lendo textos que se aprende a ler os filosóficos, não de outro jeito” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 19). Não há uma preocupação com uma leitura dinâmica, pois não há preocupação com a quantidade de leitura, mas com a qualidade. Folscheid e Wunenburger (2006, p. 19) pontuam que “[...] toda leitura está situada em dois polos: o da leitura rápida que tende a

ser superficial, e o da leitura aprofundada, que tende a ser uma explicação do texto instantânea.”

“A leitura atenta aos textos filosóficos é lenta, desesperadamente lenta” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 18, 20). Essa lentidão, segundo os autores causa dois impactos: um de ordem psicológica, pois não se avança na leitura e, outro de ordem filosófica, pois ao esmiuçarmos o texto corremos o risco de sufocarmos a síntese e, assim perdemos o foco das questões, do objeto de discussão, do fim a ser perseguido.

A verdadeira leitura filosófica para Folscheid e Wunenburger (2006, p. 21) é a leitura aprofundada “[...] na qual pomos toda a nossa atenção, esquadrinhando as palavras, para nelas descobrir as noções, as frases, para evidenciar as teses, os parágrafos, para esclarecer os objetos de uma discussão, dos pressupostos, argumentação e as implicações”. Ela não é desatenta com os vocabulários e traduções. A leitura filosófica é aprofundada e explicativa.

Os termos filosóficos são os “[...] resultados de um processo racional com seus pressupostos, suas implicações” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 27). O sentido do termo é resultado de todo um movimento do pensamento, de um movimento coerente dentro de um contexto, a partir de pressupostos. Essa compreensão se alcança com uma leitura aprofundada.

Os textos filosóficos também têm suas particularidades. Podem ser textos antigos, textos dissertativos, diálogos, aforismas, entre outros. Explicar o texto para Folscheid e Wunenburger, (2006, p. 30-33) não é dissertar sobre ele, nem fazer um comentário ou paráfrase, ou interpretação ao pé da letra sobre ele. Explicar o texto é enunciar o que há nele, inclusive o que, às vezes, ficou calado por seu autor, evidenciando o movimento do pensamento, classificando os elementos de acordo com suas importâncias com o cuidado de produzir uma explicação racional que pode ser organizada num esquema. O professor Mario Porta (2007, p. 42) afirma que a filosofia é originária do discurso racional e, esse discurso racional não se restringe à lógica, embora a ela não se oponha, pois não entra em conflito com ela.

Para lermos um texto filosófico de maneira filosófica é preciso estar desarmado, se colocar na condição de espectador receptivo, sem preconceito. Segundo Folscheid e Wunenburger (2006, p. 34) se colocar diante do texto numa situação de receptividade é a

atitude correta para ler um texto filosófico e que a explicação do texto começa por uma ascese, não havendo outro jeito de alcançar a atenção verdadeira.

A atividade filosófica não é espontânea (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 116) embora seja primária e sempre presente. Ela precisa de um mediador, pois a verdade sempre está encoberta, velada. Ela está lá (aletheia), mas o sujeito precisa dar luz a ela (maiêutica). A verdade, a luz, o esclarecimento é a mediação e, o mediador é o sujeito que busca a filosofia: é o que desvela, o que clareia, pois a verdade filosófica primária sempre está presente, mas dissimulada, encoberta. Ser o mediador ou não desse ou daquele conhecimento filosófico implica uma necessidade ou não da existência humana.

Para o professor Mario Porta a atividade filosófica básica é a formulação do problema e não a afirmação da proposição. O problema é dado muitas vezes pelo próprio filósofo como parte de um legado histórico no qual não se tem consciência. Mas o que é esse legado histórico? Estar atento ao problema é importante para entender o filósofo, mas principalmente para entender “[...] a dinâmica própria de movimento filosófico ao longo da história” (Porta, 2007, p. 34).

A atenção não deve ser voltada simplesmente para a tese, mas para o problema, pois segundo o professor Porta, “[...] não se pode entender filosofia se a reduzirmos a uma sequência de pontos de vistas diversos, já que a exata fixação do problema é elemento essencial para precisar os sentidos da própria tese” (Porta, 2007, p. 34). Fazer filosofia é criar uma tese na qual abraça um problema dado e se refuta outro. A filosofia não se limita a desenvolver consequências de pontos de partidas pressupostos. As teses muitas vezes são rechaçadas pela negação ou não de suas consequências. Por isso, para o professor Mario Porta, a atenção deve estar no problema e não nas consequências.

Para esse autor a filosofia parte de pressupostos porque não há problemas sem pressupostos. E segundo ele, os pressupostos estão dados nos contextos e a importância desses pressupostos está no fato de que eles nos direcionam a buscar e entender o contexto no qual estão inseridos. Assim para entender um problema proposto por Kant, por exemplo, é preciso entender o contexto no qual esse problema se colocou, a linguagem pela qual é construída, a lógica que reside por detrás de sua escrita, a partir dos quais os pressupostos podem fazer sentido. Mario Porta não está reduzindo o contexto ao contexto social político e histórico, mas o contexto que permite explicitar os pressupostos dos problemas, ou seja, o contexto intelectual no qual o problema faz sentido.

Apresentação dos Dados Coletados nas Entrevistas com Professores Envolvidos com Pesquisa Filosófica

Os entrevistados foram identificados aleatoriamente por uma numeração de acordo com a quantidade de entrevistas feitas. Em seguida com duas iniciais aleatórias dos nomes dos entrevistados e, por último a titulação. Quatro professores (as) entrevistados (as) responderam à pergunta: Qual a diferença entre uma leitura filosófica e uma pesquisa filosófica? Observamos o entendimento dos colegas sobre esses dois conceitos.

Pesquisa filosófica é a busca e compreensão de conceitos, ideias, pensamentos ou reflexões específicas da história da filosofia. Leitura filosófica é a aplicação dos conhecimentos da filosofia, dos conceitos, ideias, pensamentos e reflexões para analisar textos filosóficos ou não, fenômenos de toda a espécie e acontecimentos, toda classe de objetos (E1 – J.P. doutorado).

Percebemos que para o entrevistado um - E1 a pesquisa filosófica tem uma ligação direta com a história da filosofia, portanto, parece-nos lícito inferir então que está ligada diretamente aos textos filosóficos. E, a leitura filosófica se apresenta como algo mais abrangente, pode ser aplicada a textos filosóficos ou não. Todos os textos, fenômenos, acontecimentos, objetos podem ser interpretados à luz da filosofia. Podemos inferir que a leitura filosófica é uma interpretação e uma explicação não só de um texto filosófico descritivo, mas da interpretação de um conteúdo qualquer que não precisa se encontrar em um texto filosófico.

O entrevistado dois – E2 indica que uma leitura filosófica pode ser de dois tipos: a leitura com uma postura filosófica e a leitura de textos filosóficos.

Podemos falar de dois tipos de leitura filosófica: a) a leitura feita por quem adota uma postura filosófica e b) a leitura de textos filosóficos. [...] No primeiro sentido (a leitura feita por quem adota uma postura filosófica) penso que tem a ver com o fato de que, quem estuda filosofia, quem é filósofo/a passa a naturalmente ler tudo (as palavras, o mundo, os acontecimentos, qualquer fenômeno) de maneira filosófica. Acho que passa a ser algo inevitável. Aprende-se a fazer a leitura filosófica e isso se torna um hábito. Por exemplo, alguém que não consiga evitar ler essas próprias perguntas que você faz de outra maneira que não seja a filosófica. Nesse sentido, leitura tem, talvez, o sentido de perspectiva,

visão de mundo [...]. Mas entendo que é uma maneira de ler, entendo que é a leitura filosófica. Isso me lembra a concepção de Kant sobre ensino de filosofia. Ele dizia que não se aprende filosofia, só se aprende a filosofar, só se aprende a ver e interpretar os fenômenos de forma filosófica. Só se aprende a ler as coisas de forma filosófica (E2 – C.S. doutorado).

Lembramos aqui do aprender fazendo de Folscheid e Wunenburger com relação ao aprender ler textos filosóficos. “É lendo textos que se aprende a ler os filósofos, não de outro jeito” (Folscheid; Wunenburger, 2006, p. 19). O estudante de filosofia é apresentado constantemente aos textos filosóficos da história da filosofia, mas a postura filosófica se estende a todos os textos, mesmo os não filosóficos. O E2 também estabelece uma distinção entre “leituras realmente filosóficas e leituras sobre filosofia (por exemplo, história da filosofia, comentários)” (E2 – C.S. doutorado). Daí seria importante, segundo ele, ir diretos aos textos filosóficos clássicos,

Talvez o segundo sentido (a leitura de textos filosóficos) esteja mais ligado à atitude mesma de ler um livro, um artigo, revista, textos filosóficos. Se for isso... penso que é fundamental estabelecer uma distinção entre leituras realmente filosóficas e leituras sobre filosofia (por exemplo, história da filosofia, comentários). Aqui concordo que ir diretamente aos clássicos é fundamental. Por exemplo [...] melhor ler e discutir apenas um capítulo da *Ética à Nicômaco* de Aristóteles do que 10 livros de autores/as que comentam a ética de Aristóteles (deixando de lado a leitura do próprio autor). Isso não significa que a leitura de livros de comentadores/as não sejam importantes... só penso que devem ser feitos depois da leitura dos clássicos, como complemento, para ajudar a elucidar um conceito, uma passagem, assim como uma discussão com um/a colega ou a participação em um debate ajuda muito. O que nunca pode ser deixado de lado, quando se fala de leitura filosófica nesse segundo sentido, é o/a autor/a de quem se fala na ocasião (E2 – C.S. doutorado).

Está claro para E2 que leitura filosófica e a leitura de textos filosóficos são conceitos que precisam ser esclarecidos no âmbito da pesquisa filosófica. Os textos filosóficos, assim como, a postura filosófica não são dispensáveis ou secundários numa pesquisa filosófica. Essa postura filosófica é adquirida por meio da leitura de textos filosóficos. Salienta-se também a necessidade de ler o texto de forma receptiva e desarmada, aconselhamento de primeiro o contato com o texto e depois o contato com os comentadores, como aconselha também Folscheid e Wunenburg (2006).

Para E2 “A pesquisa filosófica parece ser a pesquisa que vai nos fundamentos, na base, no princípio”. O que classifica um texto filosófico como tal seria “[...] sobretudo a postura crítica, reflexiva, investigativa, análise e/ou construção de conceitos”. O texto

filosófico não deve abordado dogmaticamente, pois “[...] em geral é um texto com muitas dúvidas, espaços em aberto, questionamentos, problematização, criação. Mas é também um texto que vai na raiz da discussão, que não se contenta em ficar na superfície; texto que abre muitas possibilidades de discussão.” A questão existencial também está presente. Segundo Mario Porta (2007) o problema filosófico tem de fazer sentido para a experiência, para a existência de quem o levanta, assim, a reflexão filosófica está ao alcance de todos, mas temos de nos qualificar para alcançar isso. E como se qualifica? O primeiro passo seria o contato com os textos filosóficos, seria a leitura dos textos filosóficos, mesmo inicialmente modestas, mas feita de forma receptiva, pois segundo Folscheid e Wunenburger (2006), eles são como a estrada mestra da iniciação filosófica.

O texto filosófico abre muitas possibilidades, pois é um texto “[...] que angustia, inquieta, provoca, gera conflito de ideias... que deixa a gente preocupado/a e às vezes até dá medo. Digo isso no sentido de que é um texto que desmascara, escancara, desafia, irrita a gente às vezes” (E2 – C.S. doutorado). O E2 dá alguns exemplos desses textos angustiantes, desafiantes e desmascarantes: “é o que sentimos nos textos de Schopenhauer, Nietzsche, Deleuze, Sartre por exemplo.”

Sobre a pesquisa filosófica o E2 acredita que “[...] podemos pesquisar qualquer coisa de forma filosófica. Por exemplo, pesquisar a noção de crença do ponto de vista religioso ou o conceito de crença de forma filosófica (como Locke e Hume fizeram em suas epistemologias)” (E2 – C.S. doutorado) Ele salienta que parece não “existir temas especificamente filosóficos, mas maneiras de ler e pesquisar de uma forma tal que faça deles filosóficos. No entanto deixa claro que “[...] existem os textos e os/as autores/as ditos/as “consagrados/as”, que não podem faltar nas pesquisas filosóficas, sobretudo de quem está se iniciando na pesquisa (na graduação, por exemplo)” (E2 – C.S. doutorado). Quando os estudantes aprendem a filosofar “a pesquisa filosófica não tem mais limites” (E2 – C.S. doutorado) e é o pesquisador (a) que faz da pesquisa uma pesquisa filosófica.

Observamos que para o professor pesquisador E2 leitura e pesquisa filosófica estão bem conectadas e “[...] aquele que aprendeu a ler filosoficamente aprendeu também a pesquisar filosoficamente e vice-versa”. Concluímos que para E2 para se fazer pesquisa em filosofia ou pesquisa filosófica é necessário ler textos filosóficos e leituras filosóficas.

Passamos agora ao diálogo com o entrevistado três - E3 que afirma estar inseguro academicamente quanto aos conceitos, mas que responderá a entrevista com base na

“segurança existencial” de sua experiência na universidade na qual trabalha e “especialmente, do mundo filosófico tal como ele chega até mim” (E3 – A.P. doutorado). Aqui já se afirma a presença de um sentido ou projeto existencial de uma pesquisa filosófica segundo a qual Severino (2002), Porta (2007) e Folscheid e Wunenburg (2006) afirmam fazer parte das inquietações filosóficas.

Para E3 a definição de leitura filosófica está em consonância com a definição de E1 e E2. Ele define que “[...] leitura filosófica pode ser aplicada a qualquer objeto (especialmente os literários, mas também os históricos, sociais e científicos, sem mencionar, claro, os próprios objetos diretamente filosóficos)” (E3 – A.P. doutorado). Mas que geralmente esses objetos são os textos filosóficos:

De sólito, esses objetos aparecem na forma de textos. Ela, a leitura filosófica, tem uma índole indagadora, problematizadora, visa à abertura de perspectivas comparativas mais amplas. Já a pesquisa filosófica é algo mais quadrado, pois depende do reconhecimento de que sua prática ocorre, em geral, em contextos intersubjetivos (E3 – A.P. doutorado).

A pesquisa filosófica aqui é ressaltada no contexto de pesquisa científica acadêmica. O professor E3 enfatiza isso com um exemplo: “há uma comunidade de estudiosos sobre o tema que vou pesquisar. Daí ter importância a definição de um problema, a definição de objetivos e apresentação e justificação de uma hipótese.” Outra ênfase importante destacada é o peso dos textos, já que as pesquisas filosóficas possuem cunho bibliográficos. Assim o entrevistado afirma que:

Deve-se notar também a importância capital de robustas pesquisas bibliográficas. Sendo assim, eu penso que uma leitura filosófica é uma atitude mais livre, porém claramente não passiva, pois tem o sentido de um quase diálogo com o texto lido. Já a pesquisa, que pode - e até deveria mesmo - incorporar a leitura filosófica, requer um comportamento mais ajustado à comunidade pesquisadora de filosofia (E3 – A.P. doutorado).

Desta forma, a leitura filosófica é algo mais livre o que não quer dizer que o leitor é passivo, mas que pressupõe uma busca, um esforço de sua parte, pois “ela é mais livre”, mas não espontânea, haja vista que o sujeito que lê é o mediador do próprio conhecimento. A pesquisa filosófica deveria estar incorporada à leitura filosófica. Do ponto de vista acadêmico a pesquisa filosófica, com seus métodos, está sujeita às mesmas regras das pesquisas das outras áreas do conhecimento, mas ajustada à comunidade filosófica.

Para o entrevistado quatro –E4 a pesquisa filosófica é “[...] de modo geral, algo de longa duração, envolvendo um tema e uma rede complexa de questões que precisa ser tateada, destrinchada, explorada, etc.” Os autores apresentados neste trabalho nos mostram que a pesquisa filosófica começa com a leitura de textos filosóficos e caminha por longos percursos, a história da filosofia é um desses percursos, o vocabulário, termos e conceitos, o método, os pressupostos, os contextos, a lógica da escrita e do contexto no qual escrita se encontra, e assim segue.

A “[...] leitura filosófica pode exigir uma pesquisa, mas também pode ser algo mais livre, mais episódico, com menos “fôlego”. O que não quer dizer que uma coisa seja melhor que a outra” (E4 – F.C. doutorado). Percebemos que do ponto de vista filosófico não há uma rigidez na diferenciação entre a pesquisa e a leitura filosófica. Ambas estão presentes na prática filosófica dos entrevistados e se completam no fazer filosófico, seja por uma necessidade existencial (algo mais livre, mais episódico, com menos “fôlego”) ou por uma exigência científica da comunidade filosófica no contexto acadêmico universitário (algo de longa duração, envolvendo um tema e uma rede complexa de questões que precisa ser tateada, destrinchada, explorada, etc.).

Considerações Finais sobre as Especificidades da Pesquisa Filosófica

Mario Porta (2007) propõe estudar filosofia a partir dos problemas filosóficos: Qual é o problema e qual a possível solução apresentada? Para ele a formulação do problema é um momento essencial do trabalho, se o leitor ou pesquisador não entende o problema, a resposta dada não faz sentido, pois a construção do problema é a construção da pergunta. O E3 aponta a “importância da definição de um problema, a definição de objetivos e apresentação e justificação de uma hipótese” na comunidade científica que pesquisa o tema, autor ou a filosofia em questão. Isso tudo dentro de um contexto dos textos filosóficos (E3 – A.P. doutorado).

As questões práticas e burocráticas do contexto da universidade são apresentadas por E2 que afirma:

[...] se for pesquisa na universidade (ou em outras instituições de pesquisa) é importante seguir o ritual, como nas pesquisas de qualquer área, ter bastante foco, delimitar o tema, saber o que pretende pesquisar realmente, pra fazer no prazo e entregar “o que se espera”. Nesse sentido

aquele esqueminha clássico de projeto de pesquisa é fundamental (definir tema, problema, justificativa, metodologia, referências, etc). Fazer “o que se espera” se você quer o título e/ou bolsa, salário. Então pesquisar filosofia passa a ser pesquisar de acordo com o que a instituição ensina e espera que você reproduza (E2 – C.S. doutorado).

Segundo E2 a pesquisa acadêmica, às vezes, força a pesquisa em filosofia seguir um script que muitas vezes não é o seu, por outro lado “[...] sabemos que fazer filosofia é, por definição, “fazer o que não se espera”. Essa é a parte difícil de responder. Acho que quando alguém está livre das amarras institucionais (se é que tem alguém que tem esse privilégio hoje) a pesquisa filosófica realmente acontece, flui” (E2 – C.S. doutorado).

“Uma pesquisa filosófica lida com um ou mais problemas filosóficos, responde a ele(s) com conceitos, trabalha esses conceitos para além do já sabido” (E4 – F.C. doutorado). A especificidade do conceito, ou a preocupação com os conceitos filosóficos apresentado também por E4 é uma especificidade da pesquisa filosófica apresentada por todos os autores referenciados neste trabalho e pelos entrevistados. O problema que surge a partir dos conceitos ou estão envolvidos neles é outra especificidade desse tipo de pesquisa. Vejamos o que diz E2:

No caso da filosofia parece que o problema de pesquisa é a base de tudo. Se temos um problema temos praticamente tudo. Quando mais clara para o/a autor/a a problemática da pesquisa mais elementos terá para seu trabalho. Se pensarmos naquele esquema clássico do projeto, poderíamos até dizer que nos bastaria o problema, bastaria um trabalho que não só apresenta o problema, mas que desenvolve o problema, que cria novos problemas e não conclui, mas interrompe em algum momento deixando um problema em aberto, ou nunca termina. Acho que isso é fundamental na pesquisa filosófica (E2 – C.S. doutorado).

E1 não enfatizou explicitamente o problema filosófico como a especificidade da filosofia, mas enfatiza a especificidades da história da filosofia. A “[...] pesquisa filosófica é a busca e compreensão de conceitos, ideias, pensamentos ou reflexões específicas da história da filosofia. A pesquisa filosófica é fundamentalmente conceitual, crítica e reflexiva” (E1 – J.P. doutorado). Ela “[...] lida com um ou mais problemas filosóficos, responde a ele(s) com conceitos, trabalha esses conceitos para além do já sabido” (E4 – F.C. doutorado).

A escolha do método de pesquisa é importantíssima, e ele é o caminho que vai nos levar mais perto ou não do problema. Ele é decisivo para levar o pesquisador (a) mais

próximo de uma resposta coerente. O método científico para produzir filosofia é o método filosófico e, ele é indissociável dos textos filosóficos e das leituras filosóficas.

A ciência “[...] procede de modo diferente daquele realizado pela filosofia para abordar o seus problemas de pesquisa” (Henning, 2010, p. 34), O método científico é de natureza experimental e o método filosófico de natureza racional. No entanto, no âmbito universitário, a filosofia faz parte do mundo científico, ela produz trabalhos científicos, portanto, há uma produção científica em filosofia. Do ponto de vista acadêmico a maneira como produzimos filosofia é praticamente a mesma forma pela qual produzimos as outras ciências, resguardas as especificidades da filosofia. É regra de toda a pesquisa ter seu ponto de partida em um problema. Assim, filosofia e ciência compartilham de uma abstração comum da realidade. Mas segundo o E2:

[...] a pesquisa filosófica autêntica (se é que podemos falar disso) se confunde com a possibilidade de fazer filosofia autêntica (não autêntica do sentido ético). Digo autêntica aqui no sentido de engajada, comprometida com o filosofar mesmo (que pode até ser antiético). É aqui volto àquela coisa do medo. Se for levar a sério o fazer filosófico fora dos padrões institucionais parece que é possível até mesmo questionar qualquer coisa (E2 – C.S. doutorado).

Percebemos a dificuldade em relação às pesquisas de cunho filosófico especulativo dentro do contexto das instituições universitárias e das instituições de fomento às pesquisas universitárias que tende impor as regras, métodos e instrumentos da pesquisa científica acadêmica.

As instituições de fomentos e os órgãos ligados às instituições universitárias têm seus avaliadores das produções científicas e as avaliações estão ligadas às contribuições que aquela pesquisa acrescenta à área a qual pertence. Em que medida um texto pode acrescentar algo novo para aquela área do conhecimento? De qual pressuposto parte o autor? Onde pretende chegar? A avaliação por pares é muito importante, isto é, a avaliação realizada pelos próprios membros da comunidade científica. Isto se deduz do fato de que não se produz conhecimento científico sozinho. A ciência, assim como qualquer outra forma de conhecimento, é fruto de uma construção social. No entanto a filosofia não é um achismo, ela tem regras e como qualquer investigação científica também “[...] é estimulada a criar fundamentos mais sólidos para seus conhecimentos e a testar permanentemente suas hipóteses de uma forma mais rígida e severa” (Koche, 2011, p. 33).

Referências

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean Jacques. *Metodologia filosófica*. 3. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HENNING, Leoni Maria Padilha. Pesquisa filosófica na educação. In: HENNING, Leoni Maria Padilha. (org.). *Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico educacional*. Londrina: EDUEL, 2010.

KOCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Petropolis: Vozes, 2011.

PORTA, Mario Ariel Gonzales. *A filosofia a partir dos seus problemas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

Recebido em: 9 de novembro de 2023

Aceite em: 20 de março de 2024